

O AQUINATE E OS PROBLEMAS FILOSÓFICOS CONTEMPORÂNEOS!

Entrevista por Paulo Faitanin.



Dr. Ivanaldo Santos é filósofo, doutor em estudos da linguagem pela UFRN e professor do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Já publicou dezenas de artigos em revistas científicas nacionais e internacionais. Além disso, lançou os seguintes livros: *Nietzsche: discurso introdutório* (Ideia, 2007), *Aborto: discursos filosóficos* (Ideia, 2008), *Poemas para refletir* (Ideia, 2009), *Método de pesquisa: perspectivas filosóficas* (Edições UERN, 2010), *Teologia da Libertação: ensaios e reflexões* (Letra Capital, 2010) e *Linguagem e epistemologia em Tomás de Aquino* (Ideia, 2011). Além disso, é um dos organizadores do livro: *De memória e de identidade: estudos interdisciplinares* (EDUEPB, 2010). Seus interesses de pesquisa são: filosofia da linguagem, filosofia analítica, filosofia contemporânea, Tomás de Aquino e Tomismo. E-mail: ivanaldosantos@yahoo.com.br.

A *Aquinate* agradece ao Prof. Dr. Ivanaldo Santos pela entrevista e valiosas contribuições para o Tomismo.

1. Prezado Professor Ivanaldo Santos, fale-nos de sua formação filosófica.

Resposta: Comecei a estudar filosofia muito jovem. Tinha apenas 14 anos de idade. Naquele momento eu e outros jovens compúnhamos um grupo de estudos sobre filosofia, liderado pelo Padre Tomás, um sacerdote jesuíta, em minha cidade, Natal, no Rio Grande do Norte. Estudávamos os problemas do homem e da sociedade contemporânea, especialmente os problemas políticos. Entre os autores estudados estavam: Santo Agostinho, Marx e Freud. Quando entrei para a graduação em Filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) já tinha certo domínio das discussões filosóficas. Na graduação, meu interesse inicial foi pela filosofia política, coisa que nunca abandonei totalmente, mas percebi que a filosofia e, por conseguinte, a vida; estão acima das discussões políticas. Essa descoberta lentamente me conduziu para estudar metafísica, estética, lógica e especialmente filosofia da linguagem e filosofia contemporânea. Graças a essa descoberta consegui, tanto no mestrado como no doutorado, estudar, analisar e propor algum tipo de

solução para os problemas linguísticos e culturais da sociedade atual. No mestrado estudei a crise do Estado de Bem-estar e no doutorado fiz uma aplicação do pensamento de Michel Foucault, um filósofo contemporâneo, à publicidade. Ao longo da formação acadêmica me aprofundei em filósofos como, por exemplo, Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, Frege, Moore, Wittgenstein, Heidegger, Nietzsche, Habermas, Rorty, Austin, Searle, Peirce e outros.

2. Fale-nos de sua recente publicação sobre *Linguagem e Epistemologia*, a qual conta com a contribuição do renomado professor Mauricio Beuchot.

Resposta: Trata-se do meu último livro, lançado no mês de abril de 2011 pela Editora Ideia. Esse livro é uma coletânea de artigos escritos por estudiosos da obra de Tomás de Aquino, como, por exemplo, Paulo Faitanin e Jean Lauand. Esses estudiosos apresentam, numa perspectiva multidisciplinar, a relação existente entre a linguagem e a epistemologia na obra do Aquinate. Em grande medida, é um livro que se enquadra dentro do gigantesco esforço realizado atualmente para demonstrar, simultaneamente, a atualidade do pensamento de Tomás de Aquino e que esse pensamento contribui para analisar, explicar e resolver questões filosóficas atuais. Foi nessa perspectiva que Mauricio Beuchot, um dos maiores filósofos da linguagem na atualidade, concordou em escrever a Apresentação do livro. Para ele, o livro apresenta uma ponte entre a filosofia produzida pelo Aquinate no século XIII e os problemas filosóficos contemporâneos. É o tipo de investigação que atualmente os grandes centros de pesquisa filosófica, nos EUA e na Europa, estão realizando. Nesse sentido, o livro é uma pequena contribuição, realizada no Brasil, para a realização dessas investigações.

3. Como surgiu o seu interesse pelo Tomismo?

Resposta: Como a maioria dos estudantes de filosofia no Brasil, eu não estudei Tomás de Aquino na graduação. Minha graduação foi marcada pelo estudo do niilismo de Nietzsche e, por conseguinte, as reflexões desenvolvidas, por exemplo, por Heidegger, Habermas e Foucault. Mesmo na disciplina “Filosofia Medieval” eu não estudei Tomás de Aquino. Essa disciplina foi um espaço para os professores criticarem a Igreja e o mundo medieval. Em grande medida meus professores na graduação eram nietzscheanos ou heideggerianos. Em certo sentido, isso explica a grande presença da filosofia contemporânea em minhas pesquisas. Na graduação, eu

estudei com uma geração de professores que não eram oficialmente marxistas ou positivistas, apesar de haver muito marxismo na universidade. No entanto, naquele momento isso não significou uma abertura para o pensamento transcendente ou a superação de velhos preconceitos envolvendo os pensadores da Idade Média. De forma séria, o máximo que cheguei na graduação foi estudar Santo Agostinho. Na especialização e no mestrado não falavam no Aquinate. No doutorado é que alguns professores citaram Tomás. Mesmo assim foram apenas citações. Considero que meu interesse por Tomás é puramente autodidático, já que, oficialmente, nunca tive aulas sobre a obra do Aquinate. Durante o doutorado, que foi defendido em 2005, tive uma espécie de vida dupla, ou seja, pela manhã estudava as disciplinas e realizava a pesquisa doutoral e pela noite estudava a obra e os comentadores do Aquinate. Foi nessa época que comecei a pesquisar a relação entre a obra do Aquinate e os problemas filosóficos contemporâneos. Por isso, não sou um medievalista, um estudioso do pensamento medieval. Admiro muito a Idade Média. Essa época precisa ser estudada de forma mais séria e sem preconceitos. No entanto, minha pesquisa caminha para refletir os problemas filosóficos atuais. Essa reflexão é fundamentada na obra de Tomás de Aquino.

4. O que é, para o senhor, o Tomismo Analítico?

Resposta: Oficialmente o Tomismo Analítico é a pesquisa que envolve um frutífero diálogo entre a obra de Tomás de Aquino, por meio de seus intérpretes – conhecidos como tomistas –, e uma das correntes mais influentes da filosofia contemporânea, ou seja, a Filosofia Analítica. Juntamente com o tomismo pós-moderno, o tomismo analítico é uma das grandes novidades, de forma mais específica, no neotomismo, o qual ganhou nova força com o diálogo com a filosofia analítica, e de forma mais ampla com a filosofia contemporânea. O tomismo analítico representa a continuidade da *Revolução Tomista* anunciada por João Ameal, na década de 1950, e que deu grande impulso ao neotomismo. Entre os grandes nomes internacionais do tomismo analítico é possível citar: Anthony Kenny, Peter Thomas Geach, Mario Micheletti e John Haldane. No Brasil a pesquisa em torno do tomismo analítico ainda é muito incipiente. No entanto, é possível citar os nomes de Marco Aurélio Oliveira da Silva e Arturo Fatturi. No momento o Tomismo Analítico tem três tarefas. Primeira, realizar uma leitura analítica e crítica tanto de Tomás de Aquino como também da primeira geração de filósofos analíticos, a qual inclui nomes, como, por exemplo, Frege, Moore e Wittgenstein. Segunda, realizar estudos sobre questões importantes para a filosofia contemporânea, tais como: o método, a

linguagem, a lógica e a hermenêutica. Terceira, para John Haldane um dos grandes desafios do Tomismo, e especialmente do Tomismo Analítico, é a aplicação das categorias reflexivas desenvolvidas pelo Aquinate no século XXI e seus respectivos problemas. Sendo assim, a grande tarefa do Tomismo Analítico, a meu ver, é conseguir aplicar a obra de Tomás de Aquino ao conturbado século XXI. Questões, como, por exemplo, a ética, o aborto, a eutanásia, a estética, a ciência, a técnica, a política, a educação e a alteridade são temas que deverão ser abordados pelo tomismo analítico.

5. Quais são as suas atuais pesquisas?

Resposta: No momento tenho quatro eixos de pesquisas. Primeiro, no tocante à linguagem, continuo pesquisando as relações existentes entre o pensamento antigo, representado por filósofos como, por exemplo, Platão, Aristóteles e Tomás de Aquino, e o pensamento contemporâneo representado por nomes como Frege, Heidegger, Wittgenstein, Austin, Searle e Peirce. Segundo, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), onde leciono, continuo orientando dissertações na área de estudos da linguagem, minha grande área de atuação, especialmente sobre a *interface* envolvendo questões como a mídia e a política. Terceiro, tenho planos de traduzir para o português o *Comentário ao livro de Aristóteles “Sobre a Interpretação”* de Tomás de Aquino. Além disso, pretendo traduzir para o português os livros de Mauricio Beuchot: *O problema dos universais em Tomás de Aquino e na filosofia analítica* e *A filosofia da linguagem na Idade Média*. Quarto, pretendo aprofundar as pesquisas sobre alguns temas em Tomás de Aquino. Temas caros para a filosofia contemporânea, como, por exemplo, a lógica, a linguagem, a ética, a educação e a alteridade. Minha intenção é organizar outro livro sobre Tomás de Aquino.

6. Por fim, fale-nos da importância de Tomás de Aquino para a filosofia contemporânea.

Resposta: São várias as contribuições que Tomás de Aquino pode dar para a filosofia contemporânea. Entre elas eu cito: contribuir para o processo de compreensão e abertura ao transcendente, superação da filosofia niilista, a qual procurou – e muitas vezes conseguiu – destruir os fundamentos da cultura ocidental, sem, no entanto, colocar nada em seu lugar. É preciso ir além do niilismo. Nesse processo o Aquinate tem muito a contribuir. Além disso, Tomás pode contribuir com uma maior reflexão ética sobre a relação homem-homem e homem-mundo, com uma reflexão mais aprofundada sobre



a linguagem, o papel da ciência, da mídia e do processo de desumanização do homem. Como se pode ver o Aquinate é bastante atual. Ao longo da história das ideias poucos filósofos demonstraram um sentido de atualidade com a mesma intensidade que Tomás de Aquino.